

MEMÓRIAS E NARRATIVAS VISUAIS: O DIÁRIO DE PROFESSOR PARA PENSAR A FORMAÇÃO DOCENTE

Angélica D'Avila Taschetto – UDESC

Resumo

O presente artigo que está vinculado ao trabalho de pesquisa realizado na disciplina de estágio curricular supervisionado IV do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina propõe neste momento, trazer algumas questões que possam tecer discussões acerca do trabalho pedagógico de docentes em formação inicial em artes visuais do município de Florianópolis/SC transitando por suas memórias a partir da perspectiva narrativa e do diário docente

Palavras-chave: memória docente, narrativa, artes visuais

Abstract

This article, which is linked to the research conducted at the discipline of Supervised Probation IV in the Visual Arts Licentiate Course at the State University of Santa Catarina, aims to bring to light some questions that might make discussions on the pedagogical work of teachers in initial formation in Visual Arts in the city of Florianópolis/Santa Catarina, transiting through their memories from the perspective of the narrative and the daily teaching.

Key-words: teacher memory, narrative, visual arts

A memória como questão problematizadora

No fundo, pensando bem, o homem comum do início do século XXI, rico ou pobre, muitas vezes andando solitário e preocupado pelas ruas, não faz nada de muito diferente. Sem suas memórias, não seria ninguém; e sem chamá-las, evocá-las e misturá-las ou falsificá-las, não poderia viver. (IZQUIÉRDO, 2002, p. 92)

Conforme o elucidado por Izquiérdo, inicio falando que estudar a memória pode nos imbricar no levantamento de uma série de informações, as quais foram armazenadas durante toda a nossa vida. Tais fatos podem ser direcionados ao nosso modo de agir socialmente, nosso modo de ver e de pensar. A memória é única e pertence individualmente a cada um de nós. Sabemos que somos constituintes de uma sociedade e que vivemos cercados e nos inter-relacionando diariamente com pessoas, mas os significados e percepções sobre o cotidiano se constroem distintamente em cada um.

Desta forma, destaco que conhecer a memória docente é, num sentido maior, entender seu processo de atuação e seu papel diante de situações de mediação na educação. Pensando na questão que tange perceber a memória docente, apresento esta proposta de artigo, a qual sugere algumas discussões e problematizações sobre esse “transitar” pelos relatos de memória de docentes em formação inicial, como um meio de reflexão sobre tais memórias, e como estes docentes manipulam as visualidades pertencentes aos seus contextos em sua prática pedagógica.

Destarte, esta é uma pesquisa que traz como mote algumas discussões relativas às memórias e as narrativas de professores em formação inicial em artes visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, procurando estabelecer a importância das pesquisas envolvidas com tal temática para a área do ensino das artes visuais, no sentido em que se pensa na memória como geradora de possibilidades, onde se analisa os fatos passados, para uma construção futura.

Proponho, portanto, tecer algumas discussões acerca de compreender e analisar, a relevância da memória de docentes em formação inicial, enquanto profissionais atuantes no espaço escolar, e como estas memórias podem estar presentes no seu processo pedagógico de ensino das artes visuais. Destarte, acredito que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos, se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história, conforme proposto por Halbwachs (2006) e, desta forma, abordo que estudar a memória pode nos imbricar num levantamento de uma série de informações, as quais foram armazenadas durante toda a nossa vida. Tais fatos podem ser direcionados ao nosso modo de agir socialmente, nosso modo de ver e de pensar acerca dos espaços que nos são circundantes.

A memória é única e pertence individualmente a cada um de nós. Sabemos que somos constituintes de uma sociedade e que vivemos cercados e nos inter-relacionando diariamente com pessoas, mas nossas interpretações e percepções sobre o cotidiano se constroem distintamente em cada um. Assim, ao revisitar suas memórias, procuro que os professores em formação inicial, possam vir a refletir sobre suas vivências e experiências educativas e, de tal forma, entender o quanto isso pode vir a ser significativo durante o seu percurso formativo. Para tanto, no referido trabalho, pretendo tecer algumas discussões no que dizem respeito às

memórias de docentes em formação inicial, numa tentativa de problematizar acerca de como estes professores trabalham com as visualidades pertencentes aos seus espaços de vivência e experiência no que tange seu cotidiano escolar. De tal forma, acredito ser pertinente abordar como a memória pode ser discutida no campo da docência.

A memória docente e a prática pedagógica

La historia como devenir y como presente de esperanza o incertidumbre, como pasado que nos enseña sobre lo que somos como proyecto de futuro (de equidad, mayor justicia, de emancipación, en suma) sigue estando ahí para ser construida. Se mueve entre el relato y la experiencia, entre la investigación y la narración. Como líneas rectas, o desde los fragmentos y los residuos. Explorando lo conocido, o buscando elementos, evidencias que hablen de otra manera, que cuenten la historia de otra manera (HERNÁNDEZ, 2004, p. 24)

Segundo o viés do pensamento de Hernández, destaco que conhecer a memória docente é, num sentido maior, entender seu processo de atuação e seu papel diante de situações de mediação na educação. A questão da memória no campo da docência pode ser entendida como possibilidade de tecer relações, compreender e significar o pensamento de imagens e ideias criadas em relação ao cotidiano.

Desta forma, acredito que os docentes em formação inicial possam vir a discutir sobre o que os espaços os quais frequentam dizem de si, podendo assim, perceber de forma mais reflexiva o ambiente em que vivem, ou que trabalham. Tais espaços constituem-se de elementos visuais e de conceitos os quais podem ser articulados de forma a dar novo caráter ao seu trabalho diário no campo das artes visuais. Refletindo sobre tais considerações, proponho-me a pensar sobre a memória docente nesses cotidianos, e como esta pode se presentificar no trabalho diário do docente de artes visuais em formação inicial.

Guiando-me pelo pensamento de Arroyo (2002), o qual constrói uma postura de crença sobre o ofício docente, onde explana que a escolha do ofício é porque acreditamos nessa herança, sem perdermos a vontade de mudanças, as quais poderão rumar para outros caminhos. Ainda segundo o autor, “falar do ofício de mestre pode nos remeter ao passado, superado para alguns. Passado-presente, no meu entender, a ser recuperado” (ARROYO, 2002, p. 110). Pensar sobre o cotidiano e a vida de docentes em formação inicial propõe um significado maior de

compreensão e entendimento de suas atitudes diárias no contexto pedagógico. Trago assim, uma questão colocada por Mosquera e Stobäus (2001, p.93), a qual considero pertinente para a discussão: “que tipo de disposição temos para ouvir, para ver, como pré-requisitos para atuar?”

Com a questão colocada, suscito vários outros questionamentos, tais como: De que maneira o docente em formação inicial atua em seu cotidiano? Como esse docente pára para perceber as coisas que o cercam? E como as percebe? Qual a utilização que dá em suas práticas pedagógicas para as visualidades cotidianas?

Saliento assim, ser importante acreditar nesse olhar para o cotidiano como possibilidade que surge para a realização das práticas pedagógicas e como meio de refletir sobre como a educação pode se valer das questões de percepção diária para um trabalho diferenciado. Para tanto, se faz necessário que o docente em formação inicial comece a pensar em tais possibilidades, percebendo as sutilezas que o seu cotidiano pode trazer, aproveitando-se delas para um entrelaçamento com suas práticas pedagógicas, para que estas se tornem mais significativas, tanto na vida do docente, quanto do educando. Pensando sobre este viés, dialogo com Hernández quando fala que

la historia de una carrera docente es una historia de altibajos que se manifiesta en momentos de satisfacción, compromiso y competencia. Conocer una trayectoria profesional permite situar y conectar con el docente, no sólo desde su presente sino en la perspectiva de su recorrido profesional. Algo especialmente necesario en tiempos de reajustes y reestructuraciones profesionales. (HERNÁNDEZ, 2004, p. 12)

Trago ainda Arroyo (2002, p. 85), quando pergunta “que professores somos? Os mesmos de sempre, ensinando conteúdos e visões de nossa área já superados?” Pensando neste sentido, acredito que os docentes da educação contemporânea, necessitam ter uma postura inquieta, reflexiva, inconformados com as certezas e que, além disso, estejam interessados em rever constantemente suas práticas e metodologias. Pertence ao docente em formação inicial, esta busca por novas formas de trabalhar, desenvolvendo meios para que as práticas estejam associadas a atitudes diversificadas, onde possam refletir e pensar sobre as atitudes enquanto profissionais da educação. Trabalho numa tentativa de perceber através dos enlaces das memórias, as práticas pedagógicas de docentes em formação inicial, propondo um revisitar estas memórias, buscando uma reflexão sobre seus

contextos específicos, bem como uma significação da visualidade presente em cada contexto específico. Por isso, compreender o foco inicial das memórias dos professores em formação promove inúmeros aprendizados no que se refere à sua vida e suas interações cotidianas. “A importância de trabalhar histórias de vida com professores, é que isto permite ao professor refletir sobre os cruzamentos de fronteiras que eles mesmos atravessaram” (GOODSON, 2007, p. 58). Percebo, assim, como se torna relevante transitar por estes entrecruzamentos da memória docente, permitindo um espaço de escuta e de diálogo de suas narrativas e perspectivas pessoais enquanto docentes em formação e que passam a fazer parte do cotidiano escolar. Portanto, acredito na relevância das reflexões sobre todas as questões que permeiam o campo da educação, e para tal, saliento a importância de um enfoque, o qual aborde algumas questões pertinentes para este trabalho sobre a narrativa docente e o diário de professor.

A memória do docente em formação inicial: narrativas visuais e diário de professor

Neste trabalho, propus a memória como ponto de estudo e reflexão de pesquisa porque acredito nesta como um espaço onde se produz uma relação com o cotidiano e as aquisições de conhecimento diárias. Por meio da lembrança, podemos estabelecer proximidades entre a percepção cotidiana e o pensamento vinculado às experiências e trajetórias de vida do indivíduo. “Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente.” (HALBWACHS, 2006:30). Então, acredito que nossas memórias são trazidas à tona em nossa mente a partir de um aparato de imagens, quando nos lembramos de uma determinada situação, ou seja, “é um ato de representação do real que se dá através de imagens mentais, pois o passado enquanto tal não volta” (FÉLIX, 2002:23). Desta forma, percebo que a memória traz como principal suporte de “fazer recordar”, a linguagem escrita ou oral, além de se fazer presente em outras formas ou meios de evocação as quais promovem relações com os sentidos sensoriais, como o ver, ouvir e cheirar. Assim, estas formas de evocação da memória podem constituir um campo de construção de sentidos

[...] Não para falar do que 'se vê' na verdade da representação, mas para reconhecer como cada um 'se vê' e é colocado em práticas de discurso. Enfim, como estratégia para provocar posições alternativas e projetar-se em outros relatos. (HERNÁNDEZ, 2007:17)

Neste aspecto, a memória foi pensada para esta investigação com o objetivo de aproximar um pouco os olhares sobre a formação docente e aquilo que de fato nos afeta e só repousa na sua inquietude. E nesta direção de inquietude, retomo o posicionamento de pensar acerca da narrativa visual enquanto algo que escuta e responde, responde de outra maneira, utilizando-se de elementos pessoais da experiência cultural do sujeito. Assim, venho pensando a narrativa e agregando a ela o sentido de visual, pois percebo potencialmente as relações existentes entre aquilo que contamos e aquilo que representamos.

Pensar a cultura visual é refletir sobre o lugar que as imagens ocupam em nossas vidas cotidianas e desta forma me aproprio das narrativas visuais, pensando que estas se dão a partir daquilo que produzimos visualmente em nossas mentes, em nosso imaginário e que afetam conseqüentemente os espaços e lugares os quais frequentamos. Assim a imagem conforme Martins (2008, p. 31) “pode ser vista e tratada como espaço possível de experiências múltiplas, complexas e até mesmo contraditórias.” Destarte, o desafio deste trabalho é de buscar reconhecer e aproximar-se de outra forma das visualidades pelas quais somos constituídos, principalmente no que tange aos espaços e momentos da formação docente pensando na narrativa enquanto caminho que pode tratar das dimensões das experiências e da complexidade de cada ação do sujeito. Então, andarilho pelos espaços das narrativas visuais, como possibilidades de produzir relações dialógicas e subjetivas estabelecidas a partir de circunstâncias freqüentadas pelos nossos olhares. No intuito de estabelecer as relações possíveis entre visualidade e narrativa, dialogo com Canton quando comenta que:

As palavras e seus sentidos, a memória, a herança e a tradição são elementos que passam a ser revalorizados num mundo inundado por imagens fosforescentes, propagadas incessantemente pela mídia. Eles formam uma narrativa que incorpora sobreposições, fragmentações, repetições, simultaneidade de tempo e espaço – enfim, todo um jogo que pode fornecer elementos para a criação de uma obra de sentido aberto, que se constrói durante a relação com o outro, com o público, com o leitor, com o observador. (CANTON, 2009, p.37)

Posto isso, a narrativa visual, apresenta-se como possibilidade de entrarmos em uma dimensão individual e significativa ao qual os relatos docentes se

referem, pois contam de nós e de nossa experiência, nos fazem margear, deslizar por campos de inquietações, afecções e percepção. Destarte percebo que a formação docente se estende para empreendimentos de grande esforço, esforço em abalar certezas, suscitar (se) a pensar a partir da inquietude e do abalo. Assim, entram os diários docentes, utilizados pelos professores em formação inicial, primeiramente como registros de suas práticas pedagógicas e, posteriormente como um meio de narrar e contar acerca de si e de suas experiências sociais. Percebo também, que a formação docente se pauta em espaços de descentramentos e debates e é com este intuito, que procuro frequentar os espaços dos diários, numa espécie de convite ao que nos está latente, ao que nos explode e ao que nos extrapola. Adentrar em um processo de conhecimento e reconhecimento de mim e do outro nesse empreendimento coletivo que é a formação docente. Para tanto, me reporto ao conceito de diário proposto por Zabalza (2004) a fim de pensá-lo como recurso de reflexão e reconstrução da própria prática e que se constroem a partir de nossas experiências e são constantemente construídos e reconstruídos. Tal conceito se organiza como uma forma de expandir e multiplicar os sentidos a partir das conexões promovidas nos espaços dessas experiências. Neste viés, dialogo com Dewey acerca da experiência como possibilidade para construção narrativa do diário docente

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. (DEWEY, 2010, p. 109)

Portanto, vislumbro a possibilidade de construir diários e narrativas visuais que falem das experiências da formação docente, que multiplique olhares e sentidos, que provoque situações de trocas e de vivências e que criem espaços de tensionamentos.

A experiência de contar de si: memória, narrativa e diário de professor

Apresento neste momento, a problematização do referido trabalho, que se dá no sentido de discutir sobre as experiências narrativas de professores em formação inicial do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de

Santa Catarina. Tal trabalho está sendo realizado com as turmas de estágio curricular supervisionado IV, onde atuo como professora orientadora dos estágios.

Durante um longo período de tempo, sentia a necessidade de uma aproximação dos professores em formação inicial com as práticas pedagógicas que realizavam nas escolas. Via uma preocupação constante com o cotidiano escolar e com as experiências dos alunos escolares, mas tudo isso sem levar em conta as suas próprias experiências, constituições sociais, escolhas pessoais, imagens e propósito dos temas que discutiríamos em sala de aula. Preocupava-me com tais fatos, pois acredito na aproximação e na apropriação efetiva dos espaços os quais frequentamos diariamente.

Então, iniciei esta pesquisa com o intuito de que estes professores em formação inicial, pudessem retomar suas memórias, suas constituições sociais e pessoais, que contassem suas experiências, suas escolhas, seus gostos e seus afetos, proporcionando um diálogo direto com suas práticas educativas. A forma que encontrei para isso foi o diário docente, pois este serviria como um guia favorecendo a reflexão constante de suas práticas pedagógicas (Porlán e Martín, 1997), permitindo também uma retomada sobre os pontos de interesse em cada aula onde discutíamos estes diários. Além disso, a proposição foi para que além de uma utilização do diário como recurso para as aulas, propus que pensassem nele como um espaço para contar suas experiências, que pudessem utilizá-lo também como um diário pessoal onde estivessem presentes suas memórias e suas narrativas visuais.

Desta forma, acredito que trabalhar o ensino das artes visuais hoje, requer que estejamos abertos aos desafios que esta nos impõe. Neste aspecto, a memória pensada a partir da narrativa foi organizada com o objetivo de conhecer um pouco mais dos olhares que estes professores em formação inicial apresentam sobre o mundo e a sociedade os quais são pertencentes. Meu papel enquanto professora orientadora dos estágios foi muito além de “corrigir” suas atuações, mas sim de estimulá-los a discursar sobre suas experiências visuais cotidianas com o propósito de rever, visitar e transitar sobre suas próprias memórias. Assim as narrativas destes docentes “realizam-se na bricolagem de imagens, pensamentos gestos e afetos, desafogando olhares, remexendo modos de ver, refletir, sentir e agir.” (MARTINS E TOURINHO, 2009, p. 11).

Entendo assim, que o interesse pelo estudo das memórias destes professores em formação inicial mediante as narrativas que formulam sobre suas experiências, possibilitou permear de modo talvez mais profundo sobre seus processos educativos, na medida em que proporciona um momento de reflexão sobre suas práticas pedagógicas, podendo assim, acarretar em uma *mirada* sobre suas experiências trazendo novas concepções sobre estas práticas.

As relações com as visualidades e o trabalho docente realizado com elas, depende do olhar e da subjetividade destes professores, entendendo subjetividade como as escolhas que fazemos, os julgamentos que emitimos, aquilo que nos afeta e nos impulsiona a agir em direção ao que desejamos (ARANHA; MARTINS, 2005), ou ainda, abarca os nossos pensamentos mais pessoais e a compreensão que temos de nós mesmos (WOODWARD, 2000).

De tal forma, as experiências comentadas por cada um dos professores em formação inicial durante os encontros trouxeram suas produções de sentido em relação à construção dos olhares sobre os contextos e espaços os quais pertencem. Hernández fala acerca de tal questão quando menciona que

uma narrativa dominante na educação que não responde às necessidades de dar sentido ao mundo onde vivem os educandos. Ainda assim, fala de “uma educação para indivíduos em transição, que construam e participem de experiências vivenciadas de aprendizagem, pelas quais aprendam a dar sentido ao mundo em que vivem [...]” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 15).

Assim, penso em uma educação que possa vir a contribuir para que os educadores de qualquer âmbito possam vir a buscar formas de trabalhar as artes visuais na escola, de uma maneira mais abrangente e que se relacione com as vivências e os saberes tanto dos educandos quanto dos professores.

Saliento que os docentes em formação inicial, trazem em suas vivências uma significativa possibilidade de pensar alternativas para o ensino das artes visuais, pois suas memórias são carregadas de momentos e sentimentos pertencentes aos espaços do qual fazem parte. Suas memórias visuais fazem com que percebam estes espaços com suas singularidades e peculiaridades, mas que ainda não se fazem de um todo presentes em suas práticas pedagógicas.

Abordo neste sentido, que as imagens visuais presentes em suas memórias perpassam de certo modo, por suas atividades, então, acredito que muitas

possibilidades ainda podem ser pensadas a partir dos contextos e experiências, buscando um ensino que vá além da sala de aula. Tais situações ficaram nítidas nas falas e apresentações dos diários. A cada aula, a cada nova semana, suas narrativas se configuravam de acordo com as experiências vivenciadas no âmbito escolar ou fora dele. O diário passava a se construir a partir de imagens, de colagens, de falas, escritas, poesias, letras de músicas e tudo aquilo que dizia respeito aos professores em formação inicial. Suas experiências se constituíam também de recordações, de medos, de sonhos e angústias. Muitos relatavam o choro intenso na escrita ou elaboração do diário. As narrativas em sala de aula se constituíam de fragmentos desse diário. Fragmentos que revelavam não somente suas histórias, mas suas possibilidades de rever e pensar a cada dia suas práticas pedagógicas.

Percebemos juntos que as escolhas dos temas, das imagens que levavam para a sala de aula não eram vazias e sim, carregadas de sentidos, identificamos escolhas e vimos que estas não são imunes e trazem em grande parte um repertório imagético de nossa constituição.

Suas narrativas, falas e relatos trouxeram mais do que esta pesquisa buscava “ouvir”, vieram com sentimentos, com dúvidas e incertezas sobre se “isto ou aquilo estava certo ou não”. Mas o que mais importou nesse momento de escuta, foi ouvi-los em sua intensidade, deixar que ouvissem a si próprios enquanto educadores em formação inicial que acreditam no ensino e nas artes visuais e que acreditam em todas suas possibilidades de transformação.

Portanto, vislumbro para esta pesquisa que ainda está em andamento, a possibilidade de construções docentes que falem de experiências da formação. Sinto-me confortável em pensar nos desdobramentos, dúvidas e incertezas que esta investigação propõe. Acredito que a pergunta é fagulha na palha seca, é mina em campo pacífico. Não busco tampouco respostas e entendimentos, pois respeito o auto-desconhecimento, o auto-assombro, prefiro a noção de fratura exposta. Mas afirmo que entendo a formação do docente de artes visuais como um compromisso que busca compreender esses processos de negociação e agenciamento provocados pelos atravessamentos com as visualidades que nos frequentam.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena (orgs.). **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CANTON, Kátia. **Narrativas Enviadas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FELIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). **Usos de Memórias: política, educação e identidade**. Passo Fundo: UPF, 2002, p.15-38.

GOODSON, Ivor. Entre-Vistas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs. Coleção **Desenredos: políticas do conhecimento: vida e trabalho docente entre saberes e instituições**. Goiânia, 2007. p. 49-92.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. Las Historias de Vida como Estrategia de Visibilización y Generación de Saber Pedagógico. In: GOODSON, Ivor. **Historias de vida del Profesorado**. Barcelona: Octaedro, 2004.p.9-26.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

IZQUIÉRDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARTINS, Raimundo. Das belas artes à cultura visual: enfoques e deslocamentos. In: MARTINS, Raimundo. **Visualidade e Educação**. Coleção Desenredos. Goiânia: FUNAPE, 2008, p. 25-35.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). Educação **da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: UFSM, 2009.

MOSQUERA, J. J.M; STOBÄUS, C.D. O Professor, personalidade Saudável e Relações Interpessoais. In: ENRICONE, Délcia. **Ser Professor**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2001, p. 91-109.

PORLÁN, R.; MARTÍN, J. **El diario del Profesor – un recurso para la investigación en el aula**. Sevilla: Díada editora, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 6ª Edição. São Paulo: Vozes, 2000, p. 07-72.

ZABALZA, M. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Angélica D'Avila Taschetto - Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica (UFSM/RS); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa

Educação e Artes (PPGE/UFSM). Membro do GEPaec – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura e membro do EDUART – Grupo de Estudos em Educação e Arte. Professora Colaboradora do DAV - CEART – UDESC.